

PANDEMIA

Proteção Cálculo foi feito no pressuposto de que as defesas contra o novo coronavírus seriam totais. Sabe-se agora que não são e que as infeções vão continuar, para sempre mas sem gravidade. Maio é decisivo

Vacinar 70% não garante imunidade

VERA LÚCIA ARREIGOSO

A imunidade de grupo contra o coronavírus pandémico não deverá ser alcançada quando 70% da população estiver vacinada. A comunidade científica baseou o cálculo na convicção de que as pessoas expostas ao vírus ficariam protegidas e incapazes de transmissão, mas os dados atuais revelam o contrário. Quem foi inoculado ou teve covid continua sob o risco de ser infetado e de contagiar outros. “É uma ilusão e devemos esquecer a ideia da imunidade de grupo porque até pode nem ser possível”, afirma o epidemiologista Manuel Carmo Gomes.

Dedicado aos modelos biomatemáticos de transmissão de doenças, o investigador da Faculdade de Ciências de Lisboa atribui o erro nas contas da imunidade populacional ao risco zero que, afinal, não existe. “Os 70% foram calculados para uma imunidade de assética, mas o facto de as pessoas vacinadas, ou que tiveram covid, continuarem a poder ter e transmitir a doença implica que a percentagem de protegidos tenha de ser maior. Ainda não se sabe qual é esse risco — zero já sabemos que não é — e que vai levar os 70% para cima, no limite além de 100% é impossível de conseguir.”

A Manuel Carmo Gomes juntam-se outros peritos nacionais e até o diretor do Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, Anthony Fauci, já diz ter existido algum otimismo inicial sobre a imunidade, adquirida pela vacina ou natural pela infeção, subindo a fasquia para 75% a 80% da população a proteger. “A ideia de imunidade de grupo com 70% é simplista face ao que sabemos hoje. Esse valor foi calculado com base na capacidade de transmissão do vírus e aumenta a necessidade de proteger mais pessoas se for mais transmissível, como parecem ser as novas variantes”, sublinha Miguel Castanho, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM) de Lisboa. “No Brasil, por exemplo, o número de reinfeções disparou, o que indica que as pessoas não ganharam uma imunidade completa”, explica o bioquímico.

Raquel Guimaraes, virologista e responsável pelo Laboratório de Referência para a Gripe e Outros Vírus Respiratórios do Instituto Ricardo Jorge (INSA), sublinha a necessidade de deixar claro que estes agentes infecciosos — ao invés de outros em que a doença ou a vacina protegem para a vida, como o sarampo ou grande parte das infeções da infância — conferem uma imunidade “temporária e dinâmica”. Na prática, “não parece ser possível a eliminação do vírus, além de uma eliminação temporária em contextos circunscritos”, acrescenta Ana Paula Rodrigues, coordenadora

do Inquérito Serológico Nacional Covid-19 em curso no INSA.

A ausência de imunidade de grupo assética não impede, ainda assim, que exista proteção contra o vírus. Existe e tudo indica que é como a que conhecemos para a gripe, por algum tempo e com necessidade renovação. “A memória imunitária nas infeções respiratórias é uma mais-valia para evitar e proteger contra a doença grave, não excluindo a necessidade de poderem ser considerados reforços vacinais ao longo do tempo que funcionarão como um *boost* da resposta imunitária”, explica a virologista.

Na prática, “à medida que o número de pessoas imunes contra o SARS-CoV-2 vai aumentando, reduz-se o risco de transmissão de infeção mesmo para as pessoas suscetíveis, pois reduz-se a probabilidade de contacto com indivíduos infecciosos, no entanto esta imunidade não pode ser entendida como concorrente para a eliminação da circulação do agente infeccioso, como acontece noutras infeções”, resume Ana Paula Rodrigues. Por outras palavras, o vírus está instalado, não vai desaparecer e as vacinas são essenciais para evitar infe-

ções graves ou mortais, reduzir o risco de infeção na comunidade e, assim, a sobrecarga dos serviços de saúde. Não é um escudo para a vida, mas é a forma de a manter para a maioria da população.

A estratégia nacional para a vacinação pandémica prevê que 70% dos portugueses estejam imunizados até agosto. “O que importa é saber se vamos ter a imunidade que interessa, ou seja, que nos 70% estão todos os portugueses para quem a infeção é mais perigosa, deixando o vírus circular nos 30% que não tem doença grave, contribuindo para um equilíbrio, porque a tendência é de que o vírus de torne endémico e passe a viver connosco”, afirma Miguel Prudêncio, investigador do IMM dedicado à área das vacinas.

Universitários sem vacina atrasam regresso à normalidade

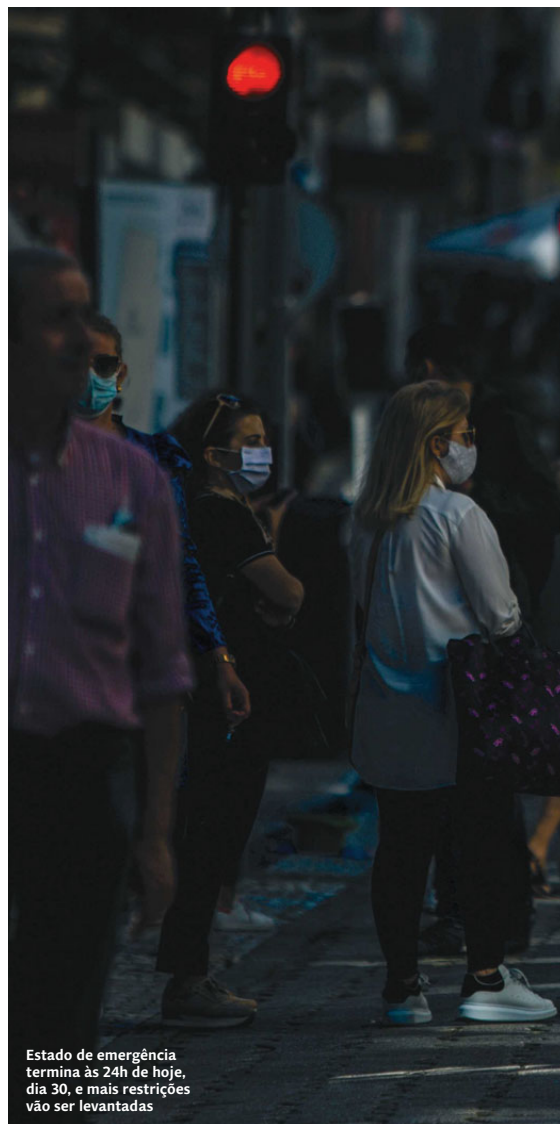
Mas deixar um terço da população saudável, todos com menos de 30 anos, por vacinar — no último trimestre do ano segundo o plano aprovado — pode adiar a desejada transição do vírus de epidémico para endémico no país. Ou seja, o regresso à normalidade. “Se tivermos o grosso da população universitária, com grande mobilidade e contacto social, por vacinar, vai manter-se a transmissão, com a ocorrência de surtos, e um comportamento epidémico do vírus”, alerta o imunologista e membro da Comissão Técnica para a Vacinação Covid-19 da Direção-Geral da Saúde, Luís Graça.

A primeira prova de fogo é já no próximo mês. “Maio vai ser decisivo porque é previsível um ressurgimento de mais casos por efeito do desconfiamento do ensino secundário e universitário, centros comerciais e restaurantes. No entanto, não deverá ser grave como no passado porque vamos ter as pessoas mais frágeis já com proteção pela vacina”, diz Carmo Gomes. Se correr bem, “em setembro ou outubro teremos um vírus a caminhar para endémico e nós para a normalidade”.

Pedro Simas, virologista do IMM, está convicto de que a meta está próxima. “Israel tem 60% da população vacinada, com duas doses, e estão protegidos, já nem usam máscara. Portanto, também estaremos. Mas falar em imunidade de grupo nesta doença é falar numa proteção dinâmica, que tem de fazer-se sempre.” Isto é, “a continuidade da imunidade da população não vai depender da vacinação contínua mas sim da presença endémica do vírus”, escreveu num artigo recente na revista científica “Nature”.

“Acredito que antes de setembro já teremos o vírus endémico na Europa, em equilíbrio com a espécie humana”, diz Pedro Simas. E a sério, “o SARS-CoV-2 tornar-se-á o 5º vírus respiratório endémico comum, provocando infeções grandemente assintomáticas”.

varreigoso@expresso.imprensa.pt



Estado de emergência termina às 24h de hoje, dia 30, e mais restrições vão ser levantadas

Normalidade já deixou de ser uma miragem

A partir do momento em que os mais vulneráveis estiverem vacinados é possível gerir a epidemia de outra forma

Fazer um jantar de aniversário sem pensar quantos amigos se pode convidar. Ir a um concerto e dançar lado a lado com pessoas que nunca se viu antes. Estar com outros sem máscara. Juntar as várias gerações da família num almoço alargado. Ir ao estádio vibrar com um jogo de futebol. Viajar sem preocupações. Ainda é cedo para dizer quanto tudo isto vai voltar a ser possível e o mais provável é que as várias restrições e cuidados a ter não possam ser aliviados todos de uma vez. Mas pela primeira vez no último ano há condições para começar a perspetivar quando e como vamos sair da ‘bolha’.

Seguramente que ainda não é no imediato, mas chegou a altura de se começar a pensar nisso, defende Tiago Correia, especialista em saúde pública internacional. “A partir de 23 de maio, quando estiver vaci-

nada a esmagadora maioria das pessoas que morrem com covid (acima dos 60 anos) e que ocupam as enfermarias, vamos encerrar um capítulo desta epidemia e da forma como vivemos até agora. Mesmo que continue a haver casos de infeção, esse aumento não se traduzirá numa subida correspondente de internamentos e óbitos. É essa a grande mudança que ocorre com a vacinação e que devia obrigar as autoridades de saúde e os colégios de especialidade da Ordem dos Médicos a iniciar desde já uma discussão científica sobre o futuro a partir dessa data”, argumenta o professor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa.

A questão à qual se tem de dar resposta é esta: é ou não aceitável deixar o vírus circular, sabendo que, regra geral, a doença provocada por este coronavírus não vai matar? “Sabemos tudo o que não podemos fazer até termos as pessoas mais vulneráveis protegidas. Mas também vamos

INOCULAÇÕES

26,8

milhões de doses estão neste momento contratualizadas por Portugal para entrega este ano

23

de maio é a data em que estarão vacinados todos os portugueses com 60 ou mais anos de idade

1

de agosto marcará o fim da vacinação da população dos 40 aos 59 anos; e até setembro será a vez do grupo entre os 30 e os 39 anos

6,6

milhões de doses ficam para outubro/dezembro para os 3 milhões de portugueses dos 0 aos 29 anos que poderão vir a ser vacinados



FOTO RUI DUARTE SILVA

O QUE VOLTA A SER POSSÍVEL

As medidas vigoram a partir de 1 de maio, e a grande alteração verifica-se aos fins de semana

- Podem juntar-se até 10 pessoas numa esplanada e 6 no interior de cafés, restaurantes e pastelarias, até às 22h30
- Todas as modalidades desportivas são permitidas
- Atividades físicas ao ar livre e em ginásios sem restrições (com aulas de grupo)
- Grandes eventos exteriores e interiores com diminuição da lotação
- Casamentos e batizados com 50% da lotação do recinto
- Teatros e restaurantes: durante a semana e ao fim de semana até às 22h30
- Comércio em geral, incluindo centros comerciais: durante a semana até às 21h e ao fim de semana até às 19h
- Fronteiras terrestres reabrem

CONCELHOS

Ficam na 1ª fase

(esplanadas que se mantêm com mais de 240 casos/100 mil (venda de bens não essenciais ao postigo; esplanadas, ginásios, monumentos e museus encerrados; proibição de saída do concelho como regra geral)

- Odemira (freguesias de São Teotónio e Longueira/ Almogrove mantêm-se; as restantes passam para a fase 4)
- Portimão

Ficam na 2ª fase

(esplanadas até quatro pessoas e restrições de horários ao fim de semana)

- Carregal do Sal (mantém-se)
- Aljezur (recua)
- Resende (recua)

Ficam na 3ª fase

(lojas abertas, restrições ao fim de semana)

- Miranda do Douro
- Paredes
- Valongo

Avançam para a 4ª fase, mas ficam em alerta

(concelhos com mais de 120 casos/100 mil nos últimos 15 dias)

- Aljô
- Alpiarça
- Arganil
- Batalha
- Beja
- Boticas
- Cabeceiras de Baixo
- Castelo de Paiva
- Celorico de Basto
- Cinfaes
- Coruche
- Fafe
- Figueiró dos Vinhos
- Lagos
- Lamego
- Melgaço
- Oliveira do Hospital
- Paços de Ferreira
- Penafiel
- Peniche
- Peso da Régua
- Ponte da Barca
- Póvoa de Lanhoso
- Tábua
- Tabuaço
- Vidigueira
- Vila Real de Santo António

precisar de saber o que poderemos fazer a partir daí. Se não houver uma definição quanto à abordagem que vai ser seguida, cada um vai decidir à sua maneira”, alerta.

Os indicadores revelam por agora uma situação controlada, com transmissão moderada do vírus. E a vacinação avança a bom ritmo, com a meta de ter todas as pessoas com mais de 60 anos vacinadas até ao final de maio a manter-se. O momento é chave porque 96% das mortes por covid-19 registaram-se nessas

Ainda não sabemos como e quando saímos da 'bolha', mas estamos mais perto de o fazer graças à vacinação

faixas etárias. Para meados de junho, estima-se que a vacinação já tenha abrangido todos os que têm mais de 50. Sendo que os óbitos abaixo desta idade representam 1,2% do total.

“Estamos numa situação muito confortável, mas devemos continuar a manter a prudência. Enquanto tivermos concelhos com incidência muito mais elevada do que a média nacional e sabendo que estas situações rapidamente alastram, é aí que temos de focar a nossa ação”, alerta a pneumologista

e coordenadora da proposta de desconfinamento pedida pelo Governo Raquel Duarte.

Máscaras e variantes

Para Raquel Duarte é preciso conseguir uma redução sustentada dos casos — “quanto mais o vírus circula na comunidade, maior o risco de se desenvolverem novas variantes” — para se dar “passos cada vez mais seguros em direção a uma vida normal”. E para lá chegar são precisas três condições: que o processo de vacinação prossiga, alargar a testagem a “diferentes contextos laborais e não apenas escolas” e manter “a adesão generalizada às medidas de proteção individual”, como o uso de máscara. A pneumologista acredita que este último fator tem sido determinante para que a situação portuguesa seja muito mais favorável do que a da Hungria, França ou Alemanha, países com taxas de cobertura vacinal semelhantes mas muito maior incidência de infeções.

O caminho que Portugal fará não será muito diferente do regresso à normalidade que já está a ser ensaiado em Israel, no Reino Unido ou nos EUA, três países com o processo de vacinação mais avançado.

Em Israel, o desconfinamento iniciou-se em fevereiro e apesar da quase total abertura — já é possível assistir a competições desportivas e concertos e na semana passada acabou

Quando pode cair a máscara?

O European Center for Disease Prevention and Control (ECDC) emitiu na semana passada novas orientações sobre o uso de máscaras e distanciamento físico em função dos avanços na vacinação. No cenário atual da UE, com circulação elevada do novo coronavírus, estas medidas de proteção individual devem ser mantidas em espaços públicos, grandes ajuntamentos e viagens, independentemente de a pessoa estar ou não vacinada, considera o ECDC, indicando dois tipos de situação em que se podem deixar cair: — se no grupo apenas estão pessoas com vacinação completa (duas semanas após a 2ª dose da vacina ou da primeira e única no caso da Janssen); — quando pessoas não vacinadas do mesmo agregado ou da mesma bolha se encontram com pessoas vacinadas e nenhum dos presentes tem fatores de risco para esta doença (idade ou condição de saúde). I.L.

a obrigatoriedade de uso da máscara (ver página 28) — o número de casos diários foi caindo e está agora na casa dos 100, numa população de 9 milhões de habitantes.

No Reino Unido, a cerimónia dos Brit Awards, a 11 de maio, é anunciada como “um momento-chave para o regresso da música ao vivo com esta escala”. O espetáculo na O2 Arena terá 4 mil pessoas a assistir, sem distanciamento nem máscara. Condição: todos terão de ser testados antes e depois e dar dados para eventuais rastreios. A experiência vai ser monitorizada pelas autoridades de saúde.

Em Portugal, os primeiros eventos-teste para definir novas regras para espetáculos e festivais acontecem em Braga, ao ar livre e com um limite de 400 pessoas, todas testadas. Comprar um bilhete e uma zaragatoa ainda não é o normal, mas o caminho até lá chegar já não é uma miragem. “A evolução em Israel mostra-nos como as vacinas e a imunidade de grupo, que torna a circulação do vírus cada vez mais difícil e menos perigosa, funcionam”, diz o virologista Pedro Simas. Até lá, há máscaras para continuar a usar e deve impedir-se que o vírus circule de forma “exponencial”, prejudicando o que pode ser alcançado num par de meses.

ISABEL LEIRIA
ileiria@expresso.imprensa.pt



HOJE GRÁTIS

GUIA DAS ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL

idealista

O portal imobiliário líder em Portugal

Expresso

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

30 de abril de 2021
2531 • €4

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

Conselho de Estado discute NATO

O Presidente da República convocou uma reunião presencial do Conselho de Estado para o Palácio da Cidadela, em Cascais, no dia 26 de maio. O convidado de Marcelo será o secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg.

1º de Maio: CGTP na rua, UGT online

O Dia do Trabalhador será assinalado nas ruas apenas pela CGTP, com ações em todo o país e dois desfiles em Lisboa. A UGT mantém as celebrações virtuais, com uma conferência em Zoom com Paulo Pedrosa e Vieira da Silva.

PGR abre inquérito a CDS Madeira

Na sequência das notícias sobre as transferências feitas por César do Paço (atual financiador do Chega) para as contas pessoais de dirigentes do CDS/Madeira, a PGR abriu um inquérito para apurar se houve crime, segundo confirmou o Expresso.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E GUIA ALDEIAS HISTÓRICAS, PAÍS, SOCIEDADE DE CARDIOLOGIA, JANELAS EFICIENTES

mantovani

Cozinha e Banho

www.mantovani.pt

Peça na sua farmácia

Revista **saúda**

CAMPEÕES

Governo esconde reformas negociadas com Bruxelas

Versão pública do Plano de Recuperação e Resiliência não contém detalhes das reformas com que **Costa se comprometeu até 2026**

O Governo enviou para Bruxelas longos documentos com as reformas e os investimentos que quer fazer ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência, mas apenas publicou uma "versão editada", em que apareciam com maior detalhe as obras e investimentos. De fora deste resu-

mo ficaram as reformas, os seus detalhes e a calendarização, que "por lapso", diz ao Expresso o gabinete do primeiro-ministro, não foram inicialmente publicadas. Porém, o Governo só quer publicar a versão detalhada, que se assemelhará a um memorando, como foi na altura da

troika, depois da aprovação do PRR em Bruxelas. Nas reformas já conhecidas, algumas que causam desconforto nas negociações à esquerda foram adiadas para 2022, como a exclusividade dos profissionais de saúde ou a regularização do trabalho nas plataformas digitais. P12



"Fui assediada por três homens"

Catarina Furtado revela casos de assédio por superiores hierárquicos. Maioria das denúncias acaba sem condenação P20a22

Publicamos algumas das fotografias dos tempos da guerra que nos foram enviadas por leitores. Fica o apelo para que nos enviem mais para fotografias@expresso.imprensa.pt

A GUERRA COLONIAL E AS OUTRAS DIVISÕES QUE MARCELO TEME

Presidente quis travar polarização, também a pensar noutras ameaças à estabilidade. Mas sarar as feridas do passado vai ser um desafio P14

ANTES DE JULHO

"NÃO VAMOS TER INGLESES NO ALGARVE"

E10

VACINAS não convencem 2 em cada 10 portugueses P8

VACINAR 70% DA POPULAÇÃO NÃO GARANTE IMUNIDADE P6

QUANDO VAMOS PODER TIRAR AS MÁSCARAS?

P7

PORTUGAL AVANÇA PARA QUARTA FASE DO DESCONFINAMENTO P7

"Se há normalização do Chega, estamos todos a fazê-la"

José Manuel Bolieiro na primeira entrevista após as eleições e a aprovação de um Orçamento com baixa de impostos nos Açores P16

A luta de Luís Miguel Cintra contra doença de Parkinson R42

Conversa com Anthony Hopkins, "O Pai" R51

Próxima líder do PAN garante apoio a António Costa

Inês de Sousa Real compromete-se a manter "diálogo construtivo" com o Governo. Mas dará luta no Montijo P17

CARTÃO DE DÉBITO

Gostava de não ter de mexer em dinheiro, quando vou às compras. E agora?

Caixa. Para todos e para cada um.

Saiba mais em cgd.pt

Caixa Geral de Depósitos, S.A.